Terceira Margem

Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura
Faculdade de Letras • UFRJ

DOSSIÊ

O encantamento pelo *Outro* na poética e no pensamento de Alberto Pucheu

The Enchantment with the Other *in the Poetics and Thought of Alberto Pucheu*

https://doi.org/10.55702/3m.v30i60.69945

André Monteiro*

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

Resumo

O propósito deste artigo é pensar, na obra poética e ensaística de Alberto Pucheu, gestos de encantamento pelo *Outro*. Tal encantamento não será traduzido como sacralização do *Outro*, mas compreendido justamente em diálogo com o *ethos* desencantado de certas poéticas modernas ocupadas em dessacralizar a vida, o artista e a arte.

Palavras-chave: Alberto Pucheu; encantamento; alteridade.

Abstract

The purpose of this article is to identify, within the poetic and essayistic work of Alberto Pucheu, gestures of enchantment with the *Other*. This enchantment will not be interpreted as a sacralization of the *Other* but rather understood in dialogue with the *ethos* of certain modern poetics that are concerned with affirming an ontology of alterity precisely through the desacralization of life, the artist, and art.

Keywords: Alberto Pucheu; enchantment; alterity.

CC BY

Agenciando, tanto em termos de produção poética quanto de produção ensaística, uma intensa miscigenação entre poesia, filosofia, crítica literária e linguagem cotidiana, grande parte da obra de Alberto Pucheu[1] não se deixa ler a partir de um só rosto. Nela, não se pode vislumbrar uma identidade, mas uma singularidade que, produzida no movimento da "fronteira desguarnecida" de sua escrita-pensamento, para fazer alusão ao título de um de seus livros (título que, não por acaso talvez, também foi escolhido para batizar sua antologia de 2007)[2], devora e é devorada por aquilo que lhe é *um Outro*.

Meu propósito aqui é tentar pensar esse movimento em *fronteira desguarnecida* como gestos de encantamento pelo *outro*. Gestos que, nesse caso, não se traduzem em sacralizações. De outro modo, tecem-se em diálogos, balizados por diferenças e contrastes, justamente com o *ethos* das dessacralizações da vida e da arte empreendidas pelas poéticas modernas.

Desdobrando, em uma entrevista, uma indagação de Rodrigo de Souza Leão — "Como lida com as influências poéticas? É antropofágico?" —, Pucheu assim descreve o *modus operandi* do seu trabalho com a palavra:

> Necessito de frases alheias, de obras alheias, como de comida... e elas vão deixando de ser alheias... vão sendo minhas... e eu vou deixando de me ser... vou sendo elas... as frases ganham o cheiro de minha carne, o percurso de meus intestinos e o pensamento que me quer escrever... eu apreendo cheiros alheios não experimentados até então. São membros que me ampliam para o mundo, as frases. Utilizo os outros apenas quando não podem deixar de ser um terceiro entre eles e eu. Criamos juntos um terceiro corpo, em cuja invenção me descubro, mais do que sozinho. Assim, como em Rimbaud, e para sempre: *Eu é um outro.* (Pucheu, 2007, p. 244)

Nessa fala de Pucheu ressoa, com intensidade, o próprio princípio ontológico, ou "odontológico"[3], como queria Oswald de Andrade, de uma *subjetividade antropofágica*. Rolnik descreve seu princípio do seguinte modo: "engolir o outro [...], de forma que partículas do universo se misturem às que já povoam a subjetividade do antropófago e, na

---

[1] As proposições deste artigo têm como base, principalmente, os seguintes textos: os livros *A fronteira desguarnecida*, *Ecometria do silêncio*, *Escritos da indiscernibilidade,* inseridos na antologia *A fronteira desguarnecida* (2007), *Mais cotidiano que o cotidiano* (2013), os ensaios "Pelo colorido, para além do cinzento (quase um manifesto)", "A poesia e seus entornos interventivos (uma tetralogia para o Íon, de Platão)", constantes no livro *Pelo colorido, para além do cinzento* (a literatura e seus entornos interventivos (2007a) e o ensaio "Uma tese sobre a crítica literária brasileira (por uma crítica poética)", incluído no livro *apoesia contemporânea* (2007). No entanto, minha hipótese é que as proposições aqui expostas encontram ressonâncias no todo (ou em um quase todo) da obra de Alberto Pucheu. .

[2] *A fronteira desguarnecida*, 2007.

[3] Definição do princípio existencial da Antropofagia fabricada, segundo Antonio Candido, pela verve bem-humorada de Oswald de Andrade em uma conversa ocorrida à altura de 1950 (Candido, 2004, p. 45–46).

invisível química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação" (Rolnik, 2000, p. 452–453). A antropofagia seria então um processo "[...] que devora incansavelmente as figuras do humano" (Rolnik, 2000, p. 455). Trata-se de uma paródia do antropo-*logos*, instituído a partir do desejo ocidental de conceber um discurso identitário (uma moldura fixa) sobre e para o homem.

Podemos pensar que a antropofagia inaugura uma lógica da alteridade não mais compreendida como uma relação binária entre duas identidades fixas, mas como um motor contínuo de devoração da vida, o que vale tanto para um corpo particular de um homem específico quanto para o corpo coletivo de uma cultura. Se o princípio predominante na vasta produção de subjetividade presente na cultura brasileira é o princípio antropofágico, "[...] os brasileiros seriam, em última instância, aquilo que os separa incessantemente de si mesmos" (Rolnik, 2000, p. 453). Um corpo antropofágico, compreendido a partir de proporções maiores ou menores, está sempre fora de si, aberto a um estado de composição para além de uma moral identitária preestabelecida.

A devoração do *outro* fica clara nos "arranjos", procedimento composicional presente em muitas obras da trajetória poética de Pucheu:

> Tem um tipo de escrita que eu faço, onde não tem nenhuma palavra minha, que eu chamo de 'arranjo'. Eu pego frases dos outros e componho. Eu comecei esse processo desde o meu primeiro livro *Na Cidade Aberta* (EDUERJ) em 1993, só que não tinha esse nome ainda.[4]

Nos arranjos, incorporam-se os mais diversos registros cotidianos: frases de vendedores ambulantes em trens, recortes de falas televisivas, falas de surfistas, e-mails de amigos, a carta de um assassino, a transcrição de uma intervenção em banca acadêmica. A voz do *outro*, no entanto, seja ela extraída do cotidiano, seja de referências livrescas, está presente não apenas nos "arranjos" propriamente ditos, mas em grande parte da produção poética de Pucheu. Como escreveu Miguel Sanches Neto, na "Apresentação" do livro *Mais cotidiano que o cotidiano*, "Da lição modernista, Pucheu reteve a estratégia de retirar poesia de todo e qualquer processo de comunicação" (Neto, 2013, p. 5).

A presença da famosa frase de Rimbaud ("Eu é um outro") na já citada entrevista do poeta a Rodrigo de Souza Leão nos leva a pensar que sua poética é passível não apenas de ser aproximada dos princípios estético-existenciais que movem o nosso entendimento de subjetividade antropofágica, mas também de ser filiada a uma certa linhagem da poesia moderna ocidental. Linhagem que, de Baudelaire a Bandeira, de Pessoa a Rimbaud, de Whitman a Mário de Andrade, é marcada por uma problematização da identidade lírica, ou, ainda, por uma proposta de "despersonalização da lírica", para usarmos uma expressão

[4] Entrevista a Fernando Flack. Disponível em: https://guiatodorio.wordpress.com/2014/01/16/perfil-carioca-alberto-pucheu/. Acesso em: 10 out. 2025.

cara a Hugo Friedrich em seu clássico *Estrutura da lírica moderna* (Friedrich, 1977). Tal filiação, se existe, é empreendida de um modo muito singular.

A arte moderna como um todo, não apenas em sua vertente poética e literária, foi movida, entre muitos outros interesses, pela tentativa de dessacralizar o caráter solitário do artista, formulada em algumas propostas românticas (sobretudo aquelas advindas de certas vertentes francesas e inglesas): o artista visto como "gênio incompreendido", que, habitando sua torre de marfim, é capaz de "legislar" e "profetizar" (Shelley, 2008, p. 82) o futuro. A poesia, para esse romantismo, habita o poeta e não a linguagem, ou seja, os meios de expressão são considerados menores que a vontade de expressão do artista. O poeta romântico típico, como definiu Antonio Candido (de modo didático e, ao mesmo tempo, preciso) em "O Romantismo como posição do espírito e da sensibilidade" forja-se como uma subjetividade movida, simultaneamente, pelos sentimentos de "frustração" e "glória" (Candido, 1981, p. 24). Frustração por não poder expressar a grandiosidade de sua sensibilidade; glória por considerar que sua frustração confirma sua genialidade inatingível.

Na estética moderna, o artista tende a perder o encanto de sua auréola, para lembrarmos o famoso poema em prosa "Perda de Auréola", de Baudelaire (Baudelaire, 1994, p. 333), e a poesia deixa de ser um lugar encantado, constituído por uma magia suprassensível, para se tornar lugar de acolhimento do cotidiano. O "império do autor" (Barthes, 1988, p. 68) é desencantado. Propõe-se a destituição das noções de pureza e originalidade autoral e do texto compreendido como detentor de um centro, de uma verdade personalizada que lhe condiciona o sentido. O texto passa a ser compreendido como um exercício de alteridade e de transtextualidade. O poeta, na imagem construída por Baudelaire em "As Multidões", é aquele que "goza do incomparável privilégio de ser ele mesmo e outrem" (Baudelaire, 1994, p. 289). Sendo o poeta um *outro*, seu texto também será um *outro*, um "tecido de citações", como diria Barthes: "[...] um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original [...]" (Barthes, 1988, p. 68–69).

Mas a afirmação da alteridade processada na produção das subjetividades poéticas e artísticas da modernidade não resulta em postura de acordo do poeta/artista com o mundo. Muito pelo contrário. O desejo de concretizar um comportamento *maldito* e *marginal* diante da vida social é uma marca tão presente na arte romântica quanto na arte moderna. Como afirma Hugo Friedrich, em seu já citado *Estrutura da lírica moderna*, "a poesia moderna é o romantismo desromantizado" (Friedrich, 1977, p. 48). Enquanto o poeta romântico típico recusaria o mundo, idealizando um futuro ou um passado ideais, o poeta moderno penetra as máscaras do cotidiano, para também recusá-lo. Se o poeta moderno não aceita, em geral, a razão instrumental da "má positividade do sistema" (leia-se o utilitarismo do capitalismo moderno), como afirma Alfredo Bosi em *O ser e o tempo da poesia*

(Bosi, 1977), é por dentro mesmo do "sistema" que ele irá desafiná-lo. Trata-se de uma afirmação da dissonância na pluralidade. O poeta usa e abusa do cotidiano, não para endossá-lo, mas para *inutilizar* o que nele é útil ao funcionamento dos contratos sociais. Em relação à linguagem, não foram poucos os poetas modernos que buscaram descontruir o que nela é "utensílio" (Paz, 1996, p. 48), recusando, no poema, a linguagem como algo útil à comunicação ordinária. A linguagem, desse modo, deixa se ser instrumento (uma coisa a serviço das coisas do mundo) e passa a ser coisa a serviço de si mesma. Se o projeto iluminista, motor intelectual da modernidade dominante, sempre apostou na "função representativa da linguagem" (Foucault, s.d., p. 59), as poéticas modernas, indo de encontro à modernidade dominante, vão, muitas vezes, apostar, justamente, na não representação do poema: "A linguagem indica, representa; o poema não explica nem representa: apresenta" (Paz, 1996, p. 48). Não à toa, muitas vezes, as poéticas modernas foram lidas como empenhadas em dar ao poema certa "autonomia", ou certa "intransitividade", em relação à vida, embora elas não se reduzam a isso.

A poética de Pucheu dialoga, de muitos modos, com as poéticas modernas. Abre-se ao cotidiano, mas não de um modo consonante, já que, de seus arranjos, ouvimos dissonâncias desencantadas com as vozes do mundo:

> Nunca me reconheci em nenhuma frase, estive sempre perdido e, hoje, só tenho essa perdição sem qualquer esperança. Vivo a instabilidade das propensões, submetido aos ditames do provisório. Estar fora de tudo o que dizem, não ser alvo meritório de ninguém, é minha maneira de estar dentro. Não tenho escolha. Prefiro assim. Estou só. (Pucheu, 2007, p. 78)

Por outro lado, essa poética inaugura outras forças que escapam aos possíveis traços dominantes de uma modernidade estética. Se a subjetividade do poeta que devora o mundo — e é por ele devorada — nele não se reconhece, tampouco quer, propriamente, se opor a ele. O "estar fora de tudo" na subjetividade poética de Pucheu não nos parece guardar muitos resquícios do poeta maldito (ou marginal), típico da tradição romântico-moderna, pois seu estar fora é também maneira de estar dentro. Buscando o encontro com um *terceiro* (ou seja, não com um *outro* já sabido, mas um *outro* sempre por vir e a escapar do que, no mundo, constitui o seu já posto, seu já dado, seu já pensado, reconhecível e identificável), a poética de Pucheu parece desejar conquistar, como quer Deleuze, sua "solidão povoada" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 14). Tal solidão se processa não em uma lógica do contra, mas nos "encontros"[5] com o mundo cotidiano, buscando captar nele o que já é, em seu próprio processo, seu inesperado *outro*: "Para além dos que tramam a

[5] "Só há trabalho clandestino. Só que é uma solidão extremamente povoada. Não povoada de sonhos, fantasias ou projetos, mas de encontros" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 14).

contraposição entre o cotidiano entediante e o escape pela aventura, os escritos nos quais o próprio cotidiano se descobre extraordinário" (Pucheu2007, p. 170).

Realiza-se uma entrega aos cantos e encantos de um *terceiro,* que, fazendo-se gesto-escrita extraordinário, é também um "primeiro" (uma revelação): a *primeira vez* de um corpo (singular e coletivo) em processo a sair pela boca de uma subjetividade *desguarnecida*:

> Pela primeira vez uma perna quer sair por minha boca, espremida. Um braço quer sair por minha boca. E o que ainda há de genitália, e o que ainda há de intestino, e o que ainda... quer sair por minha boca. Uma parede, uma hélice, um vidro de janela querem sair por minha boca. Um carro acelerado, um pedaço de mar, um fuzil. Sob o testemunho pânico de alguns, uma desordem no corpo e nas coisas, uma fronteira desguarnecida entre a pessoa e a cidade. (Pucheu, 2007, p. 53)

O projeto poético de Pucheu dialoga com o desejo de contrariar a função representativa da linguagem — o que não resulta em uma postura intransitiva em relação à vida. Não se trata de acolher o discurso cotidiano no poema e tão somente descontruir o que nele seria *utensílio*. O que fala nos poemas de Pucheu é uma linguagem que deseja acolher aquilo que, na própria vida cotidiana, escapa, paradoxalmente, a toda e qualquer representação do que, no senso comum e no bom senso linguístico-existencial, seria da ordem de uma matéria já vivida ou vivível. O que escapa, nesse caso, é uma passagem intraduzível da vida na linguagem. Trata-se de escrever não sobre, mas com um cotidiano intensivo, um indizível "cotidiano mais que cotidiano":

> ...persigo o que,
> de tão cotidiano, só se pode viver no paradoxo de um não vivido,
> o que, só assim, com o mais esgarçado
> do cotidiano, com o mais engasgado, fraturado, vazado,
> desfiado e roto do cotidiano, com o cotidiano
> em baixíssima rotação (naquela rotação que,
> de tão baixa parece ser possível chamá-la
> de um informe do cotidiano ou do mais cotidiano
> enquanto informe), persigo o que, com um muito mais cotidiano
> que o habitualmente chamado cotidiano,
> não consegue ser facilmente compartilhado. (Pucheu, 2013, p. 30)

O outro que se enuncia e se anuncia na *fronteira desguarnecida* da poética de Pucheu é uma espécie de "corpo inorgânico": "matéria intensiva e não formada, não estratificada, a matriz intensiva" (Deleuze; Guattari, 1996, p. 13) que atravessa o visível, o representável dos corpos orgânicos. Por isso não se trata de uma poética voltada para a linguagem em si, mas para aquilo que, na linguagem, se deixa penetrar por uma não linguagem, um corpo coletivo que a faz se "radicalizar no sentido do rumor mesmo, do balbucio mais puro" (Pucheu, 2007, p. 157). Uma permanente busca por acolher na escrita aquilo que, sendo irredutivelmente seu *outro*, é também o seu *inescritível*:

> Dizer o que não pode ser dito, nomear o inominável, eis o enigma do poético ao qual o escritor dedica seu voto. No momento que o inescritível ganha corpo na palavra ou, se quisermos, no momento em que por ela é dado percebê-lo, dá-se a realização do poético. (Pucheu, 2007, p. 171)

Esse encanto pelo *outro* se afina a uma constante desconstrução de esperadas e esperáveis máscaras identitárias: "Se falo de mim, não é por engano. Já me perdi" (Pucheu, 2007, p. 193). Tal exercício de perdição ocorre, tanto em sua obra poética, em um sentido estrito, como também na maneira pela qual se descontroem, em sua escrita-pensamento, as identidades especializadas dos saberes e suas esperadas práticas textuais.

Ocupada, de muitos modos, em produzir uma "miscigenação entre filosofia e poesia" (Pucheu, 2007, p. 174), ou seja, entre o seu fazer poético e o seu fazer teórico-conceitual, Pucheu produz, em vários níveis, fusões entre sua produção ensaística e sua produção literária. Onde se espera encontrar um Pucheu professor e pesquisador de teoria da literatura, pode-se encontrar o Pucheu poeta-ficcionista. Onde se procura a subjetividade do Pucheu poeta, pode-se encontrar a subjetividade do Pucheu crítico e ensaísta. O que se realiza nesse jogo incerto de máscaras (nesse jogo de subjetividades em constante processo de perdição identitária) é uma espécie de algo indiscernível entre o ato de pensar e o ato de escrever: uma escrita pensante, um pensar poético. Uma espécie de escrita-pensamento que não responde — nem corresponde — à moldura do acabamento de uma "rostidade" autoral, para usarmos uma terminologia de Deleuze e Guattari. Trata-se de uma escrita-pensamento em constante processo de *des-rostificação*, ou, pelo menos, de multiplicação de "rostidades" (Deleuze; Guattari, 1994).

Nos primeiros fragmentos da primeira seção de *Escritos da indiscernibilidade*, livro inserido na antologia de poemas *A Fronteira desguarnecida*, mas, ao mesmo tempo, e não à toa, perfeitamente passível de ser lido, também, como um livro ensaístico a respeito da relação entre poesia e filosofia, lê-se:

> ...o que, agora, tento. Descobrir relações de mestiçagem entre poesia e filosofia, manusear uma matéria disforme que supere a abordagem dos polos estanques, dar-lhe voz.
>
> Se a filosofia e a poesia possuem particularidades que, através das alteridades, mantêm suas respectivas diferenças, há também entre elas encontros que provocam a mistura de uma com a outra, permitindo a formação de corpos múltiplos. (Pucheu, 2007, p. 167)

Nesses fragmentos se desenha, mais uma vez, o movimento da ontologia/odontologia antropofágica. O encontro (a devoração mútua, a mestiçagem) entre poesia e filosofia não resultará em uma poesia posta a serviço da filosofia nem em uma filosofia posta a serviço da poesia. Para além de um dualismo, tal encontro resultará em matéria disforme que o exercício da escrita busca manusear e à qual busca dar voz. Sendo disforme, tal matéria não pode ser fechada. Ela está sempre em vias de se fazer outra: um *terceiro* que acontece

e dispara novas e inesperadas possibilidades de vida, permitindo a formação de corpos múltiplos.

Ainda que diferencie poesia e filosofia, levando em conta suas possíveis particularidades, a escrita-pensamento de Pucheu persegue e se deixa perseguir pelo motor de suas margens, de suas fronteiras ínfimas e infinitas:

> Para ser mais claro: desinteresso-me logo por toda filosofia que, de alguma maneira, não se deixa afetar pela poesia e por toda poesia que, implícita, ou explicitamente, não oferece uma densa malha de pensamento. Em ambas, é a vida, a prejudicada. (Pucheu, 2007, p. 198)

No afeto entre filosofia e poesia, é justamente um *outro* que se libera: "poesia (e) filosofia... leitos de indelimitação para que novos fluxos, imprevisíveis, de múltiplos volumes e intensidades, possam correr" (Pucheu, 2007, p. 99). Liberar esse *outro* se traduz em desvio da tentação de se atingir um novo gênero de escrita:

> Longe de mim querer estabelecer um novo gênero poético-filosófico a partir desses esbarros, que são, antes, justamente, a impossibilidade de determinação de um gênero. Não quero determinar esse indeterminável, classificar esses inclassificáveis, estancar esse movimento prolífero. Esses esbarros assinalam a impossibilidade de fixidez, a possibilidade de um contínuo desdobramento inapreensível. (Pucheu, 2007, p. 262)

Essa miscigenação, inscrita na órbita do indeterminável, do inclassificável e do inapreensível, entre poesia e filosofia, na perspectiva de Pucheu, não é algo de agora, mas ocorre desde os gregos. Valendo-se de uma famosa passagem da *Metafísica* de Aristóteles[6], Pucheu afirma que a *filia* do poeta (o "filômito") e a *filia* do filósofo se encontram justamente a partir de um irredutível *outro*, ou seja, ambos se *filiam* ao que lhes é, de antemão, desconhecido, pois "ambos se espantam com o admirável, descobrindo-se sem caminho, sem saída, perplexos diante da constante aporia que a vida nos impõe" (Pucheu, 2007, p. 162). Tanto o trabalho do filósofo como o trabalho do poeta não nasceriam então da indagação e da dúvida abstratas, mas de uma espécie de exclamação corporal movida pelo espanto diante da admirável aporia da vida:

> Poesia e filosofia não principiam pela indagação; nem pela dúvida. Mas pela exclamação das palavras que insistem em transbordar com o admirável, a ponto de não se distinguirem dele...
> Se a pergunta aceita ser material do poético e do filosófico, decorre do fato de a própria exclamação já ter se dado antes mesmo de algum questionamento. O ponto de interrogação camufla o de exclamação. Este último, corporal, visceroso, tem a presença do afeto imediato e da dor imposta pelo enigma. Nem perguntas, nem respostas: no vácuo de suas suspensões principia o pensamento. (Pucheu, 2007, p. 168–169)

[6] "Através da admiração, pois, tanto agora como desde a primeira vez, os homens começaram a filosofar [...]. Mas aquele que admira e se encontra sem caminhos reconhece sua ignorância. Por conseguinte, o filômito é, de certo modo, filósofo: pois o mito é composto do admirável, e com ele concorda e nele repousa" (Aristóteles *apud* Pucheu, 2007, p. 167).

O que o poeta e o filósofo produzem seria um dizer sim ao mistério da vida, buscando contornos (formas de pensamento e formas de escrita) para encenar-escrever o seu movimento:

> Talvez sejam mesmo essas as maiores importâncias da miscigenação entre poesia e filosofia: a encenação de um pensamento no teatro da imanência, uma tensa adesão às suas latências e exaltações, a busca de um sim irrestrito ao movimento da vida, a realização de uma escrita viva... (Pucheu, 2007, p. 170)

A proposta de se empreender uma miscigenação entre poesia e filosofia vai, evidentemente, de encontro a uma grande parcela da tradição filosófica ocidental, ocupada, desde o platonismo dominante[7] até posturas filosóficas mais recentes[8], em separar, de modo estanque e identitário, poesia e filosofia. Não cabe aqui, por razões óbvias, desdobrar os longos debates já ocorridos em torno das possibilidades e das impossibilidades de se concretizar o casamento entre poesia e filosofia. Por ora, interessa salientar que a miscigenação do poético e do filosófico, formulada na *fronteira desguarnecida* da escrita-pensamento de Pucheu, desdobra-se, como já anunciado anteriormente, em uma outra miscigenação, ou, tal como aqui se quer propor, em uma outra faceta da produção de sua subjetividade antropofágica. Trata-se da miscigenação entre o escritor e o crítico literário, o poeta e o teórico da literatura, o ficcionista e o ensaísta.

No ensaio "Pelo colorido, para além do cinzento (quase um manifesto)"[9], posteriormente reescrito e publicado com o título "Uma tese sobre a crítica literária brasileira (por uma crítica poética)"[10], Pucheu propõe o seguinte diagnóstico a respeito da crítica literária brasileira: "Com raríssimas exceções[11], a crítica literária brasileira aborda seu objeto sem

---

[7] Optei por escrever "platonismo dominante" e não, simplesmente, Platão porque há muitos pensadores contemporâneos ocupados em distinguir Platão do platonismo dominante, ou seja, interessados em ler Platão para além da imagem cristalizada que se forjou em torno dele (a imagem do pensador que, empenhado em privilegiar a alma, a ideia, a razão e a verdade em detrimento do corpo, da sensibilidade, do *pathos* e da cópia da verdade, teria expulsado o poeta de sua República, pois o pensamento do filósofo seria incompatível com o "mundo sensível" e corporal do simulacro poético). Entre tais pensadores, destaca-se o próprio Pucheu, para quem Platão é não só o filósofo das ideias, mas também um poeta-ficcionista, inventor, em seus diálogos, de um gênero híbrido, composto por uma costura de filosofia, drama, narrativa mítica, sofística e conversações cotidianas. "Com Platão, inaugura-se a necessidade de uma escrita urbana, que acate os novos ruídos, a nova polifonia, as variações de múltiplas vozes" (Pucheu, 2007a, p. 158).

[8] Para o poeta e filósofo brasileiro contemporâneo Antonio Cicero, por exemplo, filosofia e poesia são incompatíveis: "[...] penso que a poesia e a filosofia são atividades humanas inteiramente diferentes uma da outra. [...] em mim, quando o filósofo está presente, o poeta não aparece; e à chegada do filósofo, o poeta se retira" (Cicero, 2012, p. 7–8).

[9] Pucheu, Alberto. "Pelo colorido, para além do cinzento (quase um manifesto)". *In*: *Pelo colorido, para além do cinzento (a literatura e seus entornos interventivos)*, 2007a, p. 11–26.

[10] Pucheu, Alberto. "Uma tese sobre a crítica literária brasileira (por uma crítica poética)". *In*: *apoesia contemporânea*, 2014, p. 86–155.

[11] Pucheu insere em tais exceções, entre outros, os trabalhos de Augusto de Campos, em *O anticrítico*, os trabalhos do poeta-crítico-teórico Roberto Corrêa dos Santos e sua busca por um "ensaio-teórico-crítico-

deixar a intensidade do modo poético emergir em seu próprio fazer" (Pucheu, 2007a, p. 12). Tal quadro seria distinto de algumas práticas ensaísticas inscritas em outras tradições do pensamento brasileiro. Tomando como exemplo Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, Pucheu afirma haver em seus textos uma "zona de confraternização" entre o "poético e o sociológico, o histórico, ou o antropológico" (Pucheu, 2007a, p. 12). Sendo essa "zona de confraternização" "[...] acionada para pensar sincreticamente o país mestiço, ainda é preciso, entre nós, uma nova exploração: a miscigenação entre o poético e a teoria literária, entre o poético e a crítica, entre o poético e o filosófico" (Pucheu, 2007a, p. 12).

A "crítica literária habitual", embora competente em muitos aspectos[12], sofreria de um complexo de inferioridade diante da "criação literária". Em diálogo respeitoso e, ao mesmo tempo, polêmico com críticos de grande destaque, como Silviano Santiago, Leyla Perrone-Moisés e, principalmente, Antonio Candido, Pucheu afirma que grande parte da crítica literária "se satisfaz em permanecer inelutavelmente cinzenta" (Pucheu, 2007a, p. 16), como se o crítico até pudesse "[...] se antecipar a outros críticos e leitores, mas — jamais — ao criador primeiro, que, sempre, o sombreia" (Pucheu, 2007a, p. 16). Sintoma de tal postura seria uma famosa frase de Antonio Candido, formulada a partir de uma paráfrase de Mefistófeles: "a crítica é cinzenta e verdejante o áureo texto que ela aborda" (Candido, 2004, p. 109). Não se deseja aí desconstruir a competência e a importância de críticos possivelmente "acinzentados" nem, muito menos, a grandeza crítica de Candido, considerado por Pucheu um dos "maiores críticos de todos os tempos" (Pucheu, 2007a, p. 21). O que se propõe é um passo a mais de "grandeza": que o crítico se permita "[...] poder falar do que é grande. De preferência, com grandeza" (Pucheu, 2007a, p. 21). Ou seja, que o crítico se permita, para além de sua condição "acinzentada", deixar-se "colorir" de poesia, passando da condição de "crítico rebocado" pela literatura a um "crítico-artista", um "teórico-artista", "companheiro de criação da literatura", um "escritor-intensivo", capaz de abrir "[...] janelas por onde sair do texto, elevando sua carga suplementar a tal nível

-experimental" e o diálogo de Antonio Carlos Secchin com o "enigma de Capitu" na crítica ficcional "Em torno da tradição". Ver "Uma tese sobre a crítica literária brasileira (por uma crítica poética)". *In*: *apoesia contemporânea*, 2014.

12 "[...] classifica, esquematiza, sistematiza, codifica, cataloga, parafraseia, descreve, analisa, demonstra, explica, hierarquiza, busca as fontes, mostra as fases de evolução, organiza pelas semelhanças, uniformiza, arquiva, ficha, clarifica, oferece dados cronológicos biográficos ou bibliográficos desconhecidos do público, compara, salienta o fundamento ideológico, revê a fortuna crítica, assinala as influências recebidas, demarca a genealogia livresca de certos temas, executa histórias da literatura e manuais para a sua divulgação, investiga a realidade social na estrutura da obra literária, assinala maneiras específicas de sociabilidade intelectual, sonda os aspectos externos ou secundários da criação [...], questiona a relação entre escritor, obra e leitor, instiga à leitura de determinado texto etc. etc. etc. Sem dúvida, na tentativa de escapar de um impressionismo ingênuo quanto exclusivo, bem realizada, é uma atividade árdua e ampla, sobretudo se lembrarmos de suas preocupações com comportamentos culturais, sociais, políticos e outros afins" (Pucheu, 2007a, p. 13).

que, mantendo ou não o foco no texto abordado, borrasse cada vez mais o que antes era considerado como discurso primeiro..." (Pucheu, 2007a, p. 21).

O que Pucheu propõe, através de sua defesa de uma "crítica colorida", é que o crítico possa, tal como o poeta e o filósofo, se dar ao direito de viver, em contato com a obra criticada, o espanto/encanto exclamativo da vida ("a vitalidade explosiva, a perpetuação da exclamação"). Colorindo-se, o crítico deixaria de estar a serviço de um outro já dado, já criado e representado, e passaria a potencializar o seu singular "tornar-se outro", alcançando, com a obra literária, "uma diferença, uma assinatura" (Pucheu, 2007a, p. 20).

É essa procura constante por "tornar-se-outro", por alcançar, de modo não identitário, uma *solidão povoada*, para evocar, mais uma vez, a imagem de Deleuze, que nos leva a apostar na plausibilidade de se realizar um diálogo entre nossa concepção de subjetividade antropofágica e a subjetividade que se produz na "fronteira desguarnecida" da escrita-pensamento de Pucheu. Uma subjetividade movimentada, como vimos até aqui, pela miscigenação entre o poeta e o filósofo, o poeta e o crítico literário, o poeta e as muitas vozes do cotidiano. Há aí um programa de se produzir uma subjetividade apta a escapar, de modo plural e singular, de suas esperadas especialidades identitárias.

Grande parte da produção poética e ensaística de Alberto Pucheu é marcada pela busca de uma política capaz de liberar a vida na língua/linguagem. Liberar o acontecimento antropofágico de uma *vida-outra*, uma vida produtora de diferenças. O que faz um poema politicamente forte, nesses termos, não é a sua capacidade de representar temas políticos, não é a sua capacidade de falar em nome de possíveis oprimidos, mas justamente a sua impotência de comunicar e, ao mesmo, liberar, de modo potente, a incomunicável poesia da vida (seu irredutível e incessante *outrar-se*) no corpo do poema:

> Desde sua impotência, ele [poema] mostra, isso é certo, a violência de como os sentidos dos poderes constituídos se estabelecem, dando a ver que sua impotência (a do poema) se confunde com sua potência (a da poesia do e no poema). A impotência potente do poema e da poesia ou sua potência impotente esvazia a certeza da comunicabilidade informativa cristalizada... (Pucheu, 2016, p. 174–175)

Nesse jogo entre potência e impotência, há um claro programa ocupado em conceber a poesia, em um sentido amplo, como instância que "dá voz e pensamento à alteridade, e não à reivindicação de uma identidade", ao "copertencimento possível dos sem condições" (Pucheu, 2016, p. 174–175). Portanto, o que estamos chamando aqui de encantamento pelo *outro* na obra poética e ensaística de Alberto Pucheu se concretiza, simultaneamente, em ações estéticas, conceituais e políticas. Afinal, compreender "[...] a poesia por aquilo que dizem as singularidades quaisquer, é colocá-la do lado afirmativo do intolerável [...]" (Pucheu, 2016, p. 174–175). Nesse caso, intolerável para múltiplos poderes estabelecidos em redes de comunicabilidade.

Referências

BARTHES, Roland. A morte do autor. *In*: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 65–70.

BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

CANDIDO, Antonio. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. *In*: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2004, p. 45–46.

CICERO, Antonio. *Poesia e filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs* — capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs* — capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Portugália, s.d.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna* (da metade do século XIX a meados do século XX). São Paulo: Duas Cidades, 1977.

NETO, Miguel Sanches. Apresentação. *In*: PUCHEU, Alberto. *Mais cotidiano que o cotidiano*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013, p. 5–8.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida* (Poesia reunida 1993–2007). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

PUCHEU, Alberto. *Pelo colorido, para além do cinzento* (a literatura e seus entornos interventivos). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007a.

PUCHEU, Alberto. *Mais cotidiano que o cotidiano*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

PUCHEU, Alberto. *apoesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial/CAPES, 2014.

PUCHEU, Alberto. Poesia, filosofia, política. *Fronteira Z*, São Paulo, n. 16, p. 167–188, jul. 2016.

ROLNIK, Suely. Esquizoanálise e antropofagia. *In*: ALLIEZ, Éric (org.). *Gilles Deleuze*: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 462–470.

SHELLEY, Percy Bysshe. *Uma defesa da poesia e outros ensaios*. São Paulo: Landmark, 2008.

Recebido em: 01/02/2025
Aceito em: 05/07/2025

* **André Monteiro** é professor de Literatura da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pesquisador-bolsista de produtividade do CNPq e autor dos livros *A ruptura do escorpião — Torquato Neto e o mito de marginalidade* (São Paulo, Livro Aberto, 1999), *Ossos do ócio* (São Paulo, Livro Aberto, 2000), *Cheguei atrasado no campeonato de suicídio* (Juiz de Fora, Aquela Editora, 2014), *Uma prosa de Sócrates* (Juiz de Fora, Macondo, 2016), *Romance de asilo* (Rio de Janeiro, Circuito, 2019), *Nossa casa sem paredes: ensaios de existir* (Editora da UFJF, 2021), *Carlos* (Juiz de Fora, FUNALFA, 2022) e *Escritos batidos: um livro de pensatas baratas e narrativas de menos* (São Paulo, Garoupa, 2025). Em parceria com Luiz Fernando Medeiros, publicou: *Liubliblablá: mastigações de um camelo* (Juiz de Fora, Bartlebee, 2015) e *Universidágua: pedagogia de sonhar líquido* (Juiz de Fora, Bartlebee, 2016). Publicou também *Inacreditáveis: assovios antropopaicos* (Editora Raquel, 2016), escrito em parceria com Roberto Corrêa dos Santos, e *Cadê a pipa do Pepeu* (Juiz de Fora, Edição Autoral, 2024), uma parceria com seu filho Miguel Monteiro Schetino Pires.

E-mail: duidimonteiro@ufjf.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3586-332X